

# EAD E EDUCAÇÃO DE ADULTOS: TEORIAS ADEQUADAS FAZEM TODA A DIFERENÇA QUANDO A QUESTÃO É QUALIDADE

05/2008

Maria Isabel Ferraz Rodriguez  
Dataprev – [Isabel.rodriquez@previdencia.gov.br](mailto:Isabel.rodriquez@previdencia.gov.br)

Rosângela Ferreira Mendes Salgado  
Escola da Previdência Social – [Rosangela.salgado@previdencia.gov.br](mailto:Rosangela.salgado@previdencia.gov.br)

C – Métodos e Tecnologia

5 – Educação Continuada em Geral

C – Modelos de Planejamento

1 – Investigação Científica

## **Resumo**

*Este trabalho parte do princípio que a educação a distância se firmará cada vez mais como solução adequada para a aprendizagem vitalícia que a era do conhecimento nos impõe enquanto indivíduos sintonizados com nosso tempo e comprometidos com a qualidade de nosso desempenho profissional. Reconhecendo que a educação a distância no Brasil ainda é considerada, no máximo, coadjuvante da educação presencial e que a educação de adultos ainda não está sendo tratada como deve, pretende destacar a importância do uso de teorias adequadas a projetos educacionais para adultos a serem realizados a distância. E estratégias eficazes tornam o processo mais eficiente, impactando positivamente na cultura de ensino-aprendizagem. Além disso, em se tratando de educação de adultos, também estamos falando da educação que ocorre no mundo corporativo, já que é um processo de fundamental importância para o sucesso das organizações. Demonstramos que postulados elaborados por teóricos como Knowles, Moore, Papert, Gagné, Bandura, Weiner, dentre outros, não apenas minimizam problemas tradicionalmente conhecidos na EaD mas, igualmente, contribuem para a composição de um ambiente rico, no qual tanto ensino quanto aprendizagem são facilitados, resultando em processos eficazes, nos quais a distância acaba atuando como elemento de aproximação entre os dois pólos da educação.*

## **Palavras-chave**

*Teorias de ensino e de aprendizagem; educação a distância; educação de adultos; educação corporativa, Knowles, Moore, Papert, Gagné, Bandura, Weiner.*

## 1. Introdução

Ainda no raiar do século XXI, já temos uma certeza: este século irá se firmar como um cenário cada vez mais competitivo e mutável. Informar-se, conhecer, aprender permanentemente, de forma rápida e com qualidade, são questões de sobrevivência, essenciais para indivíduos e profissionais de todas as áreas do conhecimento humano. E é neste cenário mutável e competitivo que a educação a distância - uma causa e um resultado de mudanças significativas em nossa compreensão do próprio significado da educação (Moore, 2007) - poderá assumir papel cada vez mais relevante.

Estudo divulgado na Online Educa Berlin 2003 (apud Pumarino, 2004) sugere que o conhecimento de base disciplinar, publicado e registrado internacionalmente, teria demorado 1750 anos para duplicar-se pela primeira vez desde o início da era cristã. Desde então, voltou a dobrar de volume sucessivamente em 150 anos, 50 anos e em torno de 2003, a cada 5 anos. Nesse passo, estimava-se que em 2020, i.e. daqui a doze anos, o conhecimento se duplicaria em apenas 73 dias.

Em termos de volume de dados, em 2007, estimava-se que cerca de 161 bilhões de gigabytes de informação digital estavam sendo anualmente gerados e esse número não parou de crescer exponencialmente desde então. Enquanto isso e apesar de sermos um dos povos que mais navega na Internet, apenas aproximadamente 1,5% da população brasileira se atualizava e aprendia a distância. Em um ano, pouca coisa mudou. No Brasil, em todos os níveis, ainda predomina a desconfiança que a maioria da população tem em relação a ensinar e aprender a distância.

No entanto, se para muitos a EaD ainda enfrenta barreiras culturais, em nossa opinião, a EaD veio para ficar e irá se tornar cada vez mais forte como formato educacional, deixando de ser apenas a coadjuvante de 2ª classe da educação presencial. A legislação brasileira, por exemplo, ainda dispõe que cursos a distância precisam ter “momentos presenciais”, sobretudo para avaliação da aprendizagem.

Quem atua na área sabe que a EaD, apesar de ainda “jovem”, já trouxe contribuições formidáveis para a evolução da educação. Basta citar apenas uma delas, a democratização do processo educacional - quando rompe limitações temporais e espaciais com o uso das tecnologias e amplia oportunidades nunca vistas anteriormente para diversos grupos sociais - para saber que a educação está mudando para melhor com o auxílio da EaD.

Desde a educação por correspondência, passando pela Open University, a EaD mostra, há mais de 100 anos, que ensino e aprendizagem de qualidade não precisam necessariamente estar no mesmo ambiente e ocorrer na mesma hora. Ao ampliar o universo professor-aluno-sala-de-aula, a EaD acabou destacando as diferentes funções que cada pólo – ensino e aprendizagem – precisa desempenhar eficientemente, para que o processo educacional, como sistema que é, seja eficaz. E esse universo ampliado abre cada vez mais oportunidades para experimentação e desenvolvimento de heurísticas em cada um dos pólos e a educação, antes uma “arte” que só tinha dois personagens (aluno e professor que detinha o saber e geralmente habitava uma inexpugnável torre de marfim), muito se beneficia dessa situação, pois cada vez mais se estuda os processos de ensino e de aprendizagem.

Um *graffiti* nos muros de Paris, feito em maio de 1968, acusava: “Professores, vocês são velhos”. A rebelião dos alunos, há exatos 40 anos, não desqualificava a idade dos mestres, mas, sim, a velhice de suas idéias e métodos, deixando claro que o diálogo ensino-aprendizagem realmente não existia. Essa frase pode ser percebida como o primeiro grande alerta a clamar por mudanças radicais na educação. Nos dias de hoje, podemos aceitar a urgente necessidade de mudança a partir da evolução das tecnologias, que diminuiu distâncias, alterando radicalmente questões como tempo e espaço entre coisas e pessoas.

O alerta de 68 foi “captado” em diversos países do mundo, inclusive o Brasil, onde o movimento foi violento, colocando a educação tradicional na berlinda. Enquanto isso, na Suíça, Piaget dava andamento a seus estudos que mostraram que conteúdo e professor não eram os pontos centrais da ação educativa, mas sim o indivíduo (a criança), o verdadeiro construtor do conhecimento. Com isso, discretamente colocava o foco no público alvo.

Antes do final do século XX, mais e mais cientistas voltaram suas atenções à aprendizagem humana, inclusive a realizada pelo adulto. Por conta desses estudos, professores mais sintonizados começaram a sair de suas “torres de marfim” e a se preocupar mais com a aprendizagem de seus alunos. Começava-se a entender que a educação não se resumia à “arte” solitária do mestre, mas sim, a um processo realizado por dois pólos, que deveriam atuar como um sistema harmonioso, para ser eficaz. Então, se educação é um processo e tem públicos diferentes, são necessárias abordagens diferentes, o que significa que processos educacionais voltados para o público infantil ou juvenil não podem ser iguais aos do público adulto.

Ao comemorar o dia nacional da EaD em fins de novembro de 2007, o secretário especial de educação a distância do MEC fez a seguinte observação: estatísticas apontam que, no mundo atual, existem mais adultos que crianças ou jovens estudando. Vejamos assim como as coisas mudaram rapidamente: em 2001, Morrison ET al., ao relacionar características de alunos, em capítulo sobre análise de aprendizes e contexto da educação, nomearam um tópico chamado: “Características de aprendizes não convencionais”. Na ordem, relacionaram: Aprendizes culturalmente diversos, Aprendizes com deficiências e, por fim, Aprendizes adultos, sugerindo que um importante fator que estava reduzindo a homogeneidade da população de aprendizes era o crescente número de adultos que se tornaram aprendizes. E relacionaram as seguintes situações: adultos que retornaram às universidades e instituições de ensino superior; adultos que se engajaram em programas comunitários de educação de adultos e adultos que participam de treinamento ou atualização para construir novos conhecimentos e desenvolverem novas habilidades de negócios na indústria, nas empresas, na área de saúde, no governo e outras.

Essa é uma mudança notória, que deveria acelerar grandes mudanças na maneira como se organizam os processos educacionais. Ela aponta uma tendência que nem todos percebem: aprender por toda a vida (*lifelong learning*) é uma questão de sobrevivência individual e profissional.

Considerando a educação desde a antiguidade, com escravos – denominados pedagogos – ensinando presencialmente crianças – nos deparamos, ao longo do último século, com dois fenômenos novos: adultos

aprendendo e educação a distância. Mas, o que são cem anos na longa história da educação? Saba (apud Azevedo) nos dá uma resposta: "Vivemos em um período de transição, no qual temos um pé sobre o antigo e outro sobre o novo. É necessária uma robusta base teórica para reconciliar as contradições e dicotomias e dar suporte a avanços teóricos e práticos num futuro visível".

Vejamos, então: durante milênios, quem realizava educação presencial tinha tempo para aperfeiçoar estratégias, mais recentemente com o auxílio de teorias, geralmente cognitivistas, e através da prática. Por outro lado, quem faz EaD tem no máximo, alguns anos de prática e, talvez, nem saiba que teorias usar, pois, com exceção do que é visto em seminários, simpósios e congressos, uma realidade transparece: não se percebe nas estratégias para o processo de ensino-aprendizagem a distância uma fundamentação teórica e, quando existe, Piaget e Vygotsky ainda parecem ser ainda os únicos teóricos acreditados.

Por que não se usa mais a fundamentação teórica para substituir a prática ainda tão escassa em EaD, para se trabalhar com mais objetividade e efetividade? É vasto e rico o conhecimento científico sobre o ser humano e sua aprendizagem e as teorias podem ajudar quando buscamos qualidade.

A hora é essa, pois, como sugere Tapscott (apud Radford, 2000) "uma sociedade movida pela informação fornece indícios de que está em curso um repensar da educação e da relação entre trabalho, aprendizagem e a vida diária". Esse repensar passa necessariamente pela aplicação do conhecimento científico no projeto de educação a ser realizada a distância.

O propósito desse trabalho, então, é mostrar que, desde o início de um projeto de EaD podemos usar diversas teorias, algumas não muito conhecidas do educador brasileiro, que são adequadas à aprendizagem do indivíduo adulto e à educação a distância. Ainda que não se questione aqui a imensa importância de Piaget e de Vygotsky, acreditamos que a EaD brasileira sairá enriquecida quando postulados de teorias mais adequadas a essas novidades na área educacional forem aplicados, servindo de fundamentação para estratégias de ensino e de aprendizagem a distância para o público adulto.

Considerações acertadas sobre o processo educacional propriamente dito, no cenário (contexto) em que se insere e conforme o público ao qual se dirige, mais o uso das teorias adequadas: receita certa de qualidade.

## **2. Avançando as "artes" do ensinar e do aprender a distância com o uso de teorias de ensino e de aprendizagem**

Durante séculos, a educação, apenas de crianças, era a "arte" dominada pelos professores e não era assunto muito discutido. Algumas vezes, se o "artista" era competente, a "arte dava certo" e a criança se transformava num adulto educado/informado e, quiçá, motivado para o conhecimento.

No início do século passado, cientistas começaram a estudar o ato de aprender, observando-se ratos e outros animais em laboratórios. Na metade daquele século, psicólogos e outros especialistas saíram do laboratório e voltaram-se ao estudo da aprendizagem humana onde ela acontecia. Um desses estudiosos, o biólogo Piaget, observando em casa como seus filhos aprendiam as coisas, acabou elaborando notável teoria sobre o

desenvolvimento da inteligência, que o tornou internacionalmente conhecido como um dos mais importantes cientistas de todos os tempos.

Na segunda metade do século XX, muitos cientistas se voltaram ao estudo da aprendizagem realizada pelo adulto humano no cenário profissional, muito provavelmente porque observar adultos aprendendo em instituições educacionais (universidades, escolas superiores etc.) seria “invadir” o local onde reinavam absolutos os professores, o que poderia parecer que se estaria investigando sua “inquestionável arte” de ensinar. A regra a prevalecer era: aluno podia ser avaliado, professor, não e, assim, a solução foi observar indivíduos aprendendo em outros cenários que não o da escola.

De estudos do indivíduo em processo de aprender emergiu muito conhecimento sobre como o ser humano adulto aprende e esse conhecimento foi sendo, desde então, organizado e estruturado sob a denominação de teorias de aprendizagem, de caráter descritivo. Essas teorias geraram teorias de ensino, prescritivas, para orientar o educador.

Essencial foi o desdobramento das funções que professores assumem nos processos de ensino-aprendizagem e a clara definição de cada um desses papéis. Diversos estudiosos, dentre eles Berge (1955), Feenberg (1986), Gulley (1968), Kerr (1986), McCreary (1990), McMann (1994) e Paulsen (1995), dentre outros, segundo Salomon (apud Azevedo), assumiram esse desafio.

E a EaD, que começou com o ensino por correspondência, teve seu desenvolvimento acelerado a partir do surgimento das tecnologias da informação e da comunicação. Mas sua definição permanecia como o “formato no qual aluno e professor estão separados no tempo e no espaço”.

Apenas recentemente, provavelmente sob a influência da teoria da Interação a Distância (Moore), que se entendeu que esta separação pode ser superada pelas tecnologias da informação e da comunicação, fato demonstrado por professores e alunos em todo o mundo. Ficou claro que a separação física podia ser superada pela interação, e o que importava mesmo era o diálogo que era travado para facilitar a aprendizagem.

A entrada da Internet no cenário da educação a distância, com seu rápido crescimento e sua especial adequação para o desenvolvimento da aprendizagem colaborativa para a construção social do conhecimento, tornou ainda mais complexas as questões relativas à aprendizagem a distância, conforme sugerido por Farid Saba (apud Azevedo), renomado teórico da EaD.

Continuando nesse raciocínio, também recentes desenvolvimentos em áreas como a educação de adultos tornaram ainda mais complexo o cenário da educação a distância. Todos estes fatores, em conjunto, fizeram da educação a distância hoje “um fenômeno complexo constituído por vários fatores inter-relacionados que mudam ao longo do tempo”, segundo Saba, “manifestando muitas das características de um sistema”.

No entanto, podemos considerar que, com a exceção de um número reduzido de teorias, pouco desse conhecimento é usualmente usado como fundamentação das heurísticas que traduzem a prática educacional tal como a vivenciamos no dia-a-dia. Pode-se dizer, porém, que a educação infantil – por ter sido exclusiva por milênios - foi mais beneficiada pelas teorias.

### **3. Que teorias usar, quando e porque usá-las para fundamentar estratégias para uma educação de adultos a distância de qualidade?**

"Educação a distância pode ser definida como um sistema de ensino-aprendizagem complexo, hierarquizado, não-linear, dinâmico, auto-organizado e orientado por propósitos". Assim Saba define a EaD. Ora, "o denominador comum a todas as definições de sistema é a idéia de interação" (Davidson). Então, aprofundando mais a descrição e chegando-se ao nível do curso, este é o somatório de estratégias, ações, reflexões, atuações e recursos que, quando se integram como um sistema eficiente, resultam em um ambiente rico, que facilita o ensino e favorece o alcance dos objetivos de aprendizagem.

Diversas teorias podem ser usadas nas diferentes etapas de um processo educacional e abaixo identificamos apenas algumas das muitas teorias de ensino e de aprendizagem que podem servir de fundamento para estratégias eficazes. Impossível incluímos todas no trabalho, entendendo que, para cada situação, existem algumas que são mais adequadas que outras.

Como estamos enfocando a educação de adultos a distância, vamos nos concentrar na identificação de algumas das muitas teorias que podem trazer qualidade aos nossos projetos. No entanto, é importante lembrar que, em se tratando de educação a distância, oportunidades de interação com conteúdo e interação entre os participantes devem ser promovidas durante todo o processo pois é na interação que reside o foco das polaridades ensinar e aprender. Além disso, o público deve estar totalmente comprometido com sua aprendizagem para que interaja e aprenda.

Vejamos agora como usar as teorias em nossos projetos:

É na etapa de planejamento que definimos a filosofia do processo, as crenças, valores e atitudes que irão filtrar nossa interpretação das situações e na tomada de decisões sobre ensino, aprendizagem e avaliação, que darão forma ao processo como um todo. Segundo Salomon (Morrison ET al., 2001), poucos planejadores/designers se dão ao trabalho de refletir sobre esse aspecto fundamental, que vai influenciar diretamente os projetos educacionais.

Para esse autor, quem atua na área da tecnologia educacional, deveria ter em mente três princípios básicos: o design é área fundamentada na abordagem sistêmica; a aprendizagem é mudança no conhecimento ou no comportamento e o sucesso (eficácia) é o resultado esperado de todo processo de design. Afirma que nossas filosofias influenciam como damos sentido a esses valores mas que, na maioria das vezes estamos tão envolvidos em dar conta de nossas vidas que esquecemos de considerar nossos valores e crenças. Então, devemos planejar/projetar integrando as seguintes orientações:

- . Orientação ao processo: focando a estruturação de experiências de aprendizagem significativas para os aprendizes;
- . Orientação ao produto: focando o desenvolvimento de material (de qualidade) que facilitem a aprendizagem e
- . Orientação ao ambiente: focando a criação de uma atmosfera que promova a aprendizagem.

Segundo Salomon, de uma perspectiva filosófica, essas três orientações conduzem geralmente a resultados que mudam conhecimentos, habilidades e atitudes. Se o designer tiver clareza em relação a seu foco (no

processo, no material ou no ambiente), é mais provável que tenha êxito em sua empreitada. Assim, Salomon recomenda o questionamento filosófico na etapa de planejamento, convencido de que ele pode ajudar os designers instrucionais a encontrar soluções de qualidade, compatíveis com seus objetivos.

Então, buscar fundamentação para processos de ensino-aprendizagem a distância para adultos em teorias que tratam de EaD e educação de adultos parecer ser uma decisão inicial acertada.

Tomemos Malcom Knowles, por exemplo, teórico da aprendizagem no adulto (Andragogia), que desenvolveu diversos postulados identificando o que é essencial ao planejar e projetar processos para o público adulto. Morrison ET al. (2001) entende que o campo da educação do adulto já foi extensivamente estudado, a partir de Knowles. Segundo ele, quem trabalha nessa área reconhece uma série de generalizações referentes aos adultos e sua acomodação no processo educacional:

- . Adultos entram em programas educacionais com alto nível de motivação para aprender. Eles apreciam programas que são estruturados de forma sistemática, com os objetivos claramente identificados;
- . Adultos querem saber como o conteúdo do curso vai beneficiá-los. Eles esperam que o material seja relevante e que consigam entender rapidamente seu uso prático;
- . Para adultos, o tempo é uma importante consideração. Eles esperam q a classe comece e termine no prazo e não gostam de perder tempo;
- . Adultos respeitam um professor que entenda plenamente do assunto e o apresenta de forma efetiva. Rapidamente detectam um professor despreparado;
- . Adultos trazem para o curso experiências de suas vidas pessoais e profissionais.essas experiências devem ser usadas como recursos relevantes para a conexão com o tema em estudo;
- . Adultos mais maduros são auto-dirigidos e independentes. Enquanto alguns têm falta de confiança e necessitam reforço, a maioria prefere que o professor sirva como facilitador para guiá-los, não assumindo a posição de líder autoritário;
- . Adultos querem participar da tomada de decisão. Eles querem cooperar com o instrutor na busca mútua de necessidades e objetivos, na escolha de atividades e em decisões sobre como avaliar a aprendizagem;
- . Adultos podem ser menos flexíveis que estudantes mais jovens. Seus hábitos e métodos de operação já se tornaram rotina. Eles não gostam de serem colocados em situações embaraçosas. Antes de aceitarem um jeito diferente de fazer algo, querem entender a vantagem de fazer desse modo;
- . Adultos gostam de cooperar em grupos e a se socializarem juntos. Atividades em pequenos grupos e um ambiente favorável á interação durante os intervalos são importantes.

Morrison conclui que, para adultos, assim como para outros aprendizes, os mesmos princípios de aprendizagem humana e comportamento devem formar a base do programa educacional. O grau e a especificidade na aplicação desses princípios entre grupos diversos é que diferem na etapa de planejamento, quando os meios são definidos e as atividades são propostas. Para ser sensível e alerta às características desses grupos, o designer deve planejar programas efetivos para eles.

Vejamos agora conceitos da teoria da Interação a Distância ou Distância Transacional, de Michael Moore, que ampliou os estudos de John Dewey, Boyd e Apps sobre interação e entendeu a distância como um fenômeno (educacional) e não simplesmente uma questão geográfica. A teoria advoga que “interação a distância é o hiato de compreensão e de comunicação entre professores e alunos, causado pela distância geográfica que precisa ser suplantado por meio de procedimentos diferenciados na elaboração das estratégias de ensino e na facilitação da interação”.

A compreensão desse conceito é da maior importância quando se trata de planejamento em EaD, pois revela um círculo causal entre estrutura e diálogo. Segundo Azevedo, Moore introduziu dois conceitos importantes: - o conceito de "contigüidade virtual", em contraste com o de "separação entre aluno e professor" e a relação dinâmica entre diálogo, autonomia e estrutura.

Esses conceitos servem para orientar o planejamento dos processos na medida em que dão fundamento para a ação do professor/tutor na EaD, em relação ao suporte a cada aluno/aprendiz. Por exemplo: aqueles mais autônomos necessitam de menos estrutura enquanto aqueles mais dependentes da figura do professor, requerem mais apoio deste.

Vejamos agora como a teoria do Construcionismo, de Seymour Papert pode servir como fundamentação para processos de ensino-aprendizagem a distância para adultos. Papert elaborou (1994) uma “reconstrução teórica” do construtivismo piagetiano, ao reafirmar que uma das chaves principais do desenvolvimento é a ação do sujeito sobre o mundo e o modo pelo qual isto se converte num processo de construção interna (Lemme).

Lemme relaciona outros postulados piagetianos adotados por Papert, que podem fundamentar o planejamento de processos e servem sobretudo para a preparação de professores, na fase de desenvolvimento: “o professor ideal é aquele que enriquece o ambiente de ensino-aprendizagem, provocando situações desafiadoras para que o aprendiz possa se desenvolver de forma ativa, realizando suas próprias descobertas”, pois, “os indivíduos aprendem/pensam, interagindo com o ambiente, elaborando e re-elaborando hipóteses que o expliquem, construindo suas próprias estruturas intelectuais e, diante de estímulos e a partir de seus esquemas mentais, formulam hipóteses, na tentativa de resolver essas situações”.

Fundamentar processos educacionais no Construcionismo exige levar-se em conta uma questão-chave proposta por Papert: Como criar condições para que mais conhecimento possa ser adquirido pelos alunos/aprendizes?

Para orientar o desenvolvimento do processo, Lemme traduz a atitude “construcionista” de um professor: “ensinar, de tal forma a produzir o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino”, buscando “ativar a aprendizagem do aluno, valorizando a construção mental do sujeito, entendendo que essa construção está apoiada nas construções feitas pelo indivíduo nas suas interações com o mundo”.

Considerando que o público-aprendiz encontra-se imerso em diferentes realidades, e, como profissionais ou como indivíduos sociais, atuam em contextos diversos, sofrem e exercem influências sobre esses contextos, como propiciar situações ricas de aprendizagem, nas quais a interação - não apenas

entre mediadores e aprendizes mas, sobretudo, entre os aprendizes, seja uma constante? Ao buscarmos inspiração nas teorias interacionistas de Lev Vigostsky e Paulo Freire teremos a resposta. A primeira, porque parte da proposta de que a aprendizagem é essencialmente uma ação social e a segunda, porque coloca o educador e o educando em processo dialógico, interagindo como sujeitos da educação transformadora.

Para projetar um ambiente rico para a aprendizagem, Papert, segundo Lemme, fornece elementos para o projeto desse ambiente, quando enfatiza “a importância da construção do conhecimento, no pensamento concreto, ser fortemente solidificada, desenvolvendo-se as entidades mentais relevantes, ampliando-se a capacidade do sujeito operar no mundo”. Então, “a contextualização do processo de ensino-aprendizagem é estratégia inequívoca para apoiar a construção de conhecimento/estruturas mentais pelo aluno”.

Segundo ela, além dos processos cognitivos, Papert nos fornece, também, elementos que podem interferir nos processos afetivos dos alunos, durante a realização do curso: é quando imprimimos ênfase nas conexões do novo conhecimento com o que já se sabe ou já se experimentou. Diversos teóricos apontam ser essa uma questão da maior relevância na educação de adultos (Papert, Freire, Ausubel). Esses sugerem que “nos motivamos a aprender algo novo, desde que significativo para nós e, para que isso ocorra, é importante a conexão entre as entidades mentais existentes para o progresso e criação de novas entidades mentais” (Lemme).

A teoria da Aprendizagem Significativa, de David Ausubel, sugere situações de aprendizagem organizadas de acordo com a relevância de conteúdos que tenham significação direta para o aprendiz e estratégias que favorecem a aprendizagem (ex. os organizadores prévios, que ativam “ganchos” onde o novo conhecimento será inserido). Os postulados dessa teoria servirão de inspiração na identificação de temas e conteúdos que motivem o interesse do público e no planejamento de estratégias pré-instrucionais eficientes.

Outra teoria que pode fundamentar projetos de processos de ensino-aprendizagem a distância eficazes é a teoria Condições de Aprendizagem, de Robert Gagné, pouco conhecido no Brasil. Gagné, psicólogo educacional americano, morto há cerca de cinco anos, começou a estudar a aprendizagem de adultos na área militar em meados dos anos 60 do século passado. Identificou nove fases ou condições internas de aprendizagem, que ocorrem no aprendiz, que podem ser ativadas por estratégias instrucionais adequadas, que correspondem a nove passos (ou condições externas de aprendizagem).

Por sua vez, a teoria da Modelagem, de Albert Bandura, é essencial quando se planeja educação a distância online, por exemplo, para demonstrar a maneira correta de se fazer algo. O professor pode “modelar” comportamentos a serem aprendidos, ao interagir objetivamente com o grupo, reunir conceitos e “refletir” abertamente no fórum etc.

Corroborando postulados de teorias anteriormente citadas, Bernard Weiner, em sua teoria da Atribuição (Motivação), propõe que significância e contextualização facilitam a aprendizagem. Esse referencial fornece elementos interessantes que embasam estratégias para a motivação dos envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem.

Assim, como se pode perceber pelo exposto até aqui, o uso de teorias adequadas pode levar à qualidade, sobretudo quando são estabelecidos princípios, padrões e indicadores de qualidade para o processo de EaD. Na apresentação do trabalho, no 14º CIEAD, partiremos de alguns princípios, como os abaixo relacionados, e apresentaremos teorias que lhes favorecem:

- . Ensino, Aprendizagem e Avaliação são questões distintas que devem ser abordadas como um sistema integrado;

- . Os processos de Ensino-Aprendizagem a distância devem ser planejados, projetados, desenvolvidos, implementados e avaliados de forma competente, resultando numa arquitetura rica que facilite a aprendizagem, acomodando os diferentes estilos cognitivos/de aprendizagem;

- . Os aprendizes, público-alvo de cada evento, são protagonistas do processo de aprendizagem, sendo os responsáveis pela construção das competências (Conhecimentos, Habilidades e Atitudes), a partir de suas estratégias individuais e coletivas de aprendizagem;

- . As estratégias de ensino e de avaliação a distância devem ser construídas a partir das características do público-alvo e das competências a serem aprendidas (objetivos de aprendizagem);

- . Estudos e pesquisas sobre ensino, aprendizagem e avaliação são essenciais para a sustentação e melhoria contínua da qualidade dos processos educacionais a distância.

#### **4. Conclusões**

Tanto a educação de adultos quanto a educação a distância estão engatinhando no universo educacional, no qual a educação infantil e juvenil e o formato presencial tem longa história. E, no entanto, cada vez mais adultos atualizam conhecimentos e aprendem a distância, sobretudo por falta de tempo para dar conta da quantidade crescente de informações em circulação no mundo atual. Na maioria das vezes fazem isso através da aprendizagem colaborativa, outra novidade que vem se mostrando essencial na Economia do Conhecimento, cujos primórdios estamos vivenciando.

Tornar eficazes e efetivos os processos de ensino-aprendizagem a distância para adultos vai depender de nossa eficiência no planejamento, na elaboração e na realização desses processos. As teorias de ensino-aprendizagem são instrumentos indispensáveis para resultados de qualidade, que impactam positivamente na cultura de ensino-aprendizagem.

#### **5. Bibliografia/Webliografia/Referências**

- . BERGE, Zane (1995). The role of the online instructor/facilitator. Conteúdo do curso Capacitação para EaD via Internet promovido pela Aquifolium. Mar-mai 2008;

- . CHIANTIA, Fabrizio. Qual o amparo legal para a Educação a Distância no Brasil. Em <http://www2.abed.org.br/documentos/ArquivoDocumento255.pdf> ;

- . GREDLER, Margaret. Learning and Instruction – Theory into Practice. New Jersey: Merrill Prentice Hall. 2001;

- . GOODYEAR, Peter. Environments for lifelong learning: ergonomics, architecture and the practice of educational technology. Bergen/Noruega. 1999;

- . MOORE, Michael e KEARSLEY, Greg. Educação a Distância – Uma Visão Integrada. Associação Brasileira de Educação a Distância. Edição Especial. 2007;
- . MORRISON, Gary et al. 2001. Designing Effective Instruction. 3rd Edition. New York: John Wiley and Sons, Inc. 2001;
- . PUMARINO MENDOZA, Andrés. 2004. Life Long Learning. em [http://www.elearningamericalatina.com/edicion/marzo2\\_2004/na\\_2.php](http://www.elearningamericalatina.com/edicion/marzo2_2004/na_2.php) (visitada pela última vez em 30/04/2008);
- . RADFORD, Allyn. The future of Multimedia in Education. em [http://www.firstmonday.dk/issues/issue2\\_11/radford](http://www.firstmonday.dk/issues/issue2_11/radford) (visitada pela última vez em 30/04/2008);
- . ROMISZOWSKI, Alexander. Designing Instrucional Systems – Decision making in course planning and curriculum design. Londres: Kegan Page. 1981;
- . SABA, Farhad. "Teoria , Metodologia e Epistemologia da Educação a Distância: um paradigma pragmático". Capítulo 1 do Handbook of Distance Education (Moore & Anderson). Anotações de leitura, por Wilson Azevedo. 2003;
- . WEISS, Alba Maria Lemme; CRUZ, Maria Lúcia Reis Monteiro da. A informática e os problemas escolares de aprendizagem. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 2ª edição.